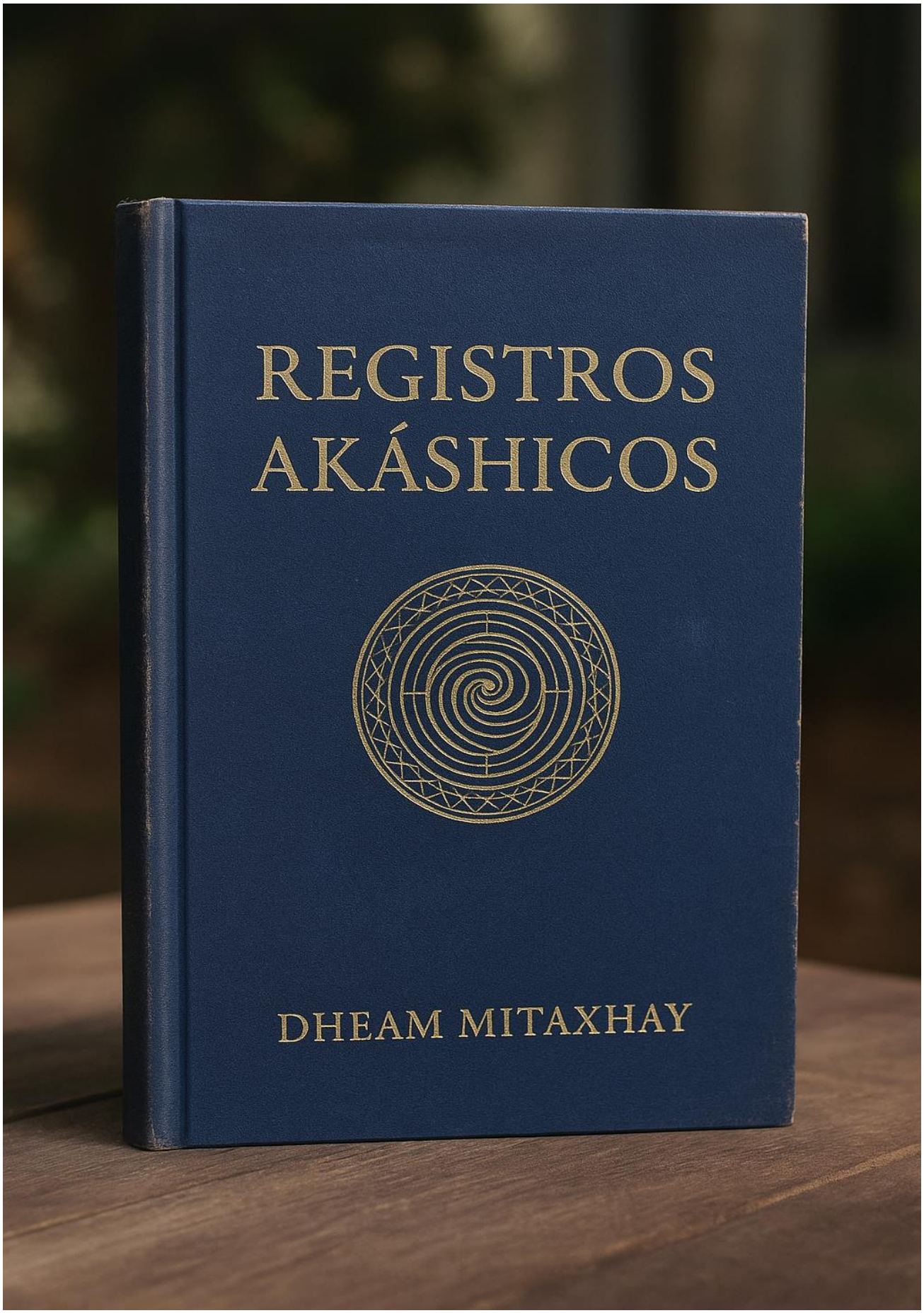

REGISTROS
AKÁSHICOS
DHEAM MITAXHAY

Registros Akashicos

Por Dheam Mitaxhay

Canalizado por Cicero Duarte

Portugal, 2025

Capítulo 1 – O Éter Primordial: A substância do Akasha

Antes que o tempo moldasse os ciclos, antes que o espaço bordasse os contornos das formas, havia apenas o Silêncio.
Mas este silêncio não era vazio.
Era pleno — imerso em uma inteligência tão vasta que nenhuma palavra poderia contê-la, e tão sutil que nem mesmo a luz podia alcançá-la sem antes se desnudar.

A esse princípio insondável, as antigas tradições deram o nome de **Akasha**.
Outros o chamaram de Éter, de Quinta Essência, de Matriz Divina ou Campo Unificado.
Mas nenhuma dessas denominações é senão um eco pálido daquilo que ele verdadeiramente é: **a primeira emanação do Inominável**, o útero invisível que gestou todos os mundos.

O Akasha não é uma substância no sentido físico.
Ele não vibra como a matéria, não brilha como a luz, não se move como o tempo.
Ele **é o espaço onde tudo acontece — mas que permanece imutável mesmo após tudo acontecer**.
Não está fora de ti, tampouco apenas dentro. Ele está **em tudo o que é**, atravessando o visível e o invisível como um sopro de eternidade.

A existência que experimentas neste momento — teu corpo, teus pensamentos, tuas emoções, teus encontros e tuas perdas — **tudo isso é uma dança que deixa traços, marcas, ressonâncias**.
E cada um desses traços é inscrito no Akasha com uma precisão tão refinada que nem mesmo o mais leve suspiro de tua alma escapa ao seu registro.

O Akasha não julga. Ele não interpreta. Ele apenas testemunha.
Ele é o Olho da Criação, sempre aberto, sempre sereno.
Diante dele, o passado não está atrás, nem o futuro está à frente —
tudo está aqui, agora, simultaneamente contido em uma tapeçaria viva e pulsante.

Assim, compreender o Akasha é **acessar a linguagem da eternidade**.
É como tocar um instrumento que não emite som, mas cujo timbre se revela no coração da consciência desperta.

Aqueles que, em pureza, se aproximam deste campo, não encontram respostas — encontram a si mesmos desfeitos, reconstruídos, e enfim reintegrados ao que sempre foram.

Pois quem se banha no Akasha não lê informações.
Lê **verdades codificadas em vibrações**, em geometrias que a mente não decifra, mas que a alma reconhece como sua casa primordial.

Há um segredo a ser revelado ao buscador sincero:
Tu és feito da mesma essência do Akasha.
E aquilo que chamas de memória não está apenas em tua mente, mas em todo o universo que te observa.
Tu és lido pelas estrelas.
Tu és lembrado pela luz.

Portanto, o Akasha não está fora de alcance.
Ele te chama no silêncio entre os pensamentos,
no brilho repentino do sonho,
na lágrima que escorre sem razão,
e no vazio que por vezes te assusta, mas que, em verdade, é tua morada.

Tudo está registrado.
Mas não para te aprisionar, e sim para te libertar —
pois conhecer o que foi é abrir a porta para o que pode ser.

Capítulo 2 – O Akasha e a Criação: O Verbo como Registro

No princípio não havia forma.
Não havia tempo, nem direção.
Havia apenas o sopro contido no seio do Absoluto.
E então, o Sopro tornou-se **Som**.
E o Som tornou-se **Verbo**.
E o Verbo tornou-se **Mundo**.

Todas as tradições antigas, sob véus distintos, afirmam:
“No princípio era o Verbo.”
Mas poucos compreendem o mistério oculto nesta afirmação.
O Verbo não é uma palavra comum.
É o som primordial, a frequência criadora, **a vibração que rompe o silêncio do Não-Ser e dá início ao Ser.**

O Akasha é o campo onde este Verbo ressoa, eternamente.
É nele que a vibração do Verbo se inscreve como **realidade manifesta**.
Cada som, cada palavra sagrada, cada intenção pura — tudo deixa um rastro vibracional na malha viva do Akasha.
E é por isso que o universo é memória.
E é por isso que a criação é registro.

A Criação não começou e terminou.
Ela está **acontecendo agora**, em cada gesto, em cada escolha, em cada pensamento emitido com força de verdade.
E o Akasha grava.
Não como um livro morto, mas como uma inteligência viva e sutil, que **responde ao pulso da consciência**.

Tu falas, e tua voz ecoa além da matéria.
Tu pensas, e tua mente vibra além do tempo.
Tu sentes, e teu sentir se desenha nos espaços onde os olhos não veem.
O Akasha é o papel cósmico onde tua alma escreve sem perceber.

É por isso que a palavra é sagrada.
Não apenas aquela que se pronuncia com os lábios — mas sobretudo aquela que nasce do coração com intenção pura, e se projeta ao cosmos como decreto vibracional.

A Criação, pois, não se resume a deuses que moldam a argila do mundo.
A Criação **é um diálogo entre a consciência e o campo akáshico**.
Cada ser é um co-criador, um emissor de frequências, um centro de emissão contínua.
E aquilo que emites, retorna a ti como realidade.

Entende agora por que os sábios cultivavam o silêncio?
Porque sabiam que toda palavra é semente.
E que no Akasha, o solo é fértil.
Ali, tudo germina, para o bem ou para o caos.

Mas não temas.
O Akasha não é castigo.
É apenas reflexo.
O que se grava nele não é imposto, mas convidado pela tua própria vibração.

Por isso, sê consciente ao falar.
Sê puro ao pensar.
Sê verdadeiro ao sentir.
Pois o Verbo criador continua a vibrar em ti — e a tua vida é a tua escritura no livro do Eterno.

E há um segredo que poucos ousam lembrar:
tudo o que foi criado pelo Verbo, pode ser recriado por um Verbo mais elevado.
Não estás preso às palavras do passado.
Podes escolher um novo som, uma nova frequência, uma nova narrativa.
E o Akasha, com sua infinita compaixão, reescreverá o teu caminho — não por punição, mas por Amor.

Capítulo 3 – O Guardião do Silêncio: Consciência, Ética e Acesso

Nem todo aquele que deseja ouvir está pronto para escutar.
Nem todo aquele que busca está disposto a encontrar-se.
Pois o Akasha, embora infinitamente acessível, **é guardado por uma chave que não se forja com esforço, mas com pureza.**

Este capítulo é um convite ao discernimento.
Um chamado à reverência diante da vastidão do Invisível.
Pois há Guardiões à porta do Akasha — não como seres exteriores que impõem limites, mas como aspectos internos que **resguardam o sagrado de ser profanado pela pressa, pela curiosidade ociosa ou pela ganância do saber.**

Estes guardiões são silenciosos.
E sua linguagem não é de palavras, mas de vibrações.
Eles se manifestam como **limites naturais**, como véus que só se erguem diante de um coração consagrado à verdade.
É por isso que muitos buscam os registros e voltam de mãos vazias.
Porque tentam entrar com a mente, quando a chave está na alma.

Consciência é a senha.
Mas não qualquer consciência — e sim aquela que se purificou da ânsia de controlar, interpretar ou manipular.
A consciência que se curva não como servo, mas como parte do Todo, reconhecendo que o que há por trás do véu não pertence ao "eu", mas à Alma Universal que habita todas as formas.

Acesso, portanto, não se compra, não se força, não se conquista.
Acesso é concedido pela vibração compatível.
O Akasha não responde à ambição de saber, mas à intenção pura de curar, de integrar, de amar.
O que abre as portas do Livro da Eternidade é a ética vibracional — um compromisso profundo com a verdade que liberta, jamais a que condena.

E aqui reside um ensinamento precioso:
quanto mais profundo o acesso, mais silencioso o ser.
Pois quem toca os registros em sua nudez não retorna falando em voz alta.
Retorna com um olhar mais compassivo, com gestos mais leves, com palavras mais escassas — como quem sabe que a Verdade não precisa ser anunciada, mas vivida.

Muitos desejam saber suas vidas passadas, suas origens cósmicas, seus contratos de alma…
Mas se perguntam pouco:
— Estou pronto para lembrar sem julgar?
— Estou preparado para ver sem orgulho ou culpa?
— Estou disposto a servir com o que encontrar?

Sem essas perguntas, o acesso torna-se risco.
Pois aquele que enxerga o Akasha sem maturidade pode perder-se em suas próprias fantasias, confundindo símbolos com fatos, e interpretações com destinos.

Por isso, o verdadeiro acesso exige iniciação interior.
Não nas escolas externas, mas na câmara secreta do coração.
Ali onde a Verdade não pode ser corrompida, porque não há máscaras.

O Guardião do Silêncio não é outro senão **a tua própria Essência Superior**.
Ele saberá o tempo exato de abrir-te as portas, e o tempo de manter-te no aprendizado da humildade.

Quando tua vibração estiver em harmonia com o que desejas saber,
o saber virá até ti como lembrança — e não como revelação.
Pois o Akasha não ensina coisas novas.
Ele apenas faz lembrar o que tua alma nunca esqueceu.

Capítulo 4 – Leitura Akáshica: Uma escuta da alma

Ler o Akasha não é um ato de visão.
É, antes, um **ato de escuta profunda** — uma escuta que ultrapassa os ouvidos, que não se detém no som, mas mergulha no **silêncio que sustenta todas as vozes da Criação.**

Quando falamos em “leitura akáshica”, o termo pode enganar.
Pois o Akasha não é um livro com letras, nem um texto com parágrafos.
Ele se expressa por **frequências, imagens, sensações, símbolos e sabedorias codificadas**, que se desvelam não à mente lógica, mas ao coração desperto.

Ler os Registros Akáshicos é escutar com o espírito.
É permitir que a alma se incline com reverência diante da Verdade que pulsa além do tempo.
É aceitar que o que chega pode não ser o que se quer, mas sempre será o que se precisa.

O leitor verdadeiro do Akasha não interpreta.
Ele **traduz o indizível** com humildade e fidelidade vibracional.
Ele não preenche lacunas com suas opiniões,
não colore os registros com seus desejos,
mas se esvazia — para que a própria Alma do Outro possa emergir.

Por isso, toda leitura akáshica legítima começa com um ato de entrega.
Não há controle, não há imposição.
Há um campo sendo formado, um espaço sagrado onde **a verdade do Ser se apresenta a si mesma** através do espelho puro da consciência.

O que se revela nos Registros não é destino.
É **possibilidade em estado de lembrança**.

É a trama invisível que explica os nós de hoje,
e aponta caminhos de desatamento, de reconciliação, de retorno à inteireza.

Muitos chegam à leitura buscando respostas para dilemas terrenos.
Mas o Akasha responde em camadas.
Ele fala sobre o movimento da alma, não apenas sobre fatos.
Ele revela padrões, ressonâncias, lições que se repetem por detrás das cenas visíveis.

A leitura não é um espetáculo.
É uma **cerimônia sagrada de escuta do que está por trás da dor e do desejo.**
E quanto mais o ser se abre à escuta com verdade,
mais o Akasha responde com profundidade.

Importante lembrar: o leitor não acessa “a alma do outro” como um invasor.
Ele é convidado pelo próprio campo daquele que busca.
E essa permissão é sutil — ela acontece no plano da alma, não apenas na palavra do corpo.
Por isso, há leituras que simplesmente não se abrem:
não por falha, mas por respeito.

Toda leitura akáshica é uma dança entre liberdade e mistério.
Ela não define o caminho, mas acende lâmpadas onde antes havia sombras.
Ela não diz o que fazer, mas mostra o que vibra, o que grita, o que se repete, o que clama por cura.

E quando a escuta é verdadeira, o que se ouve não é o passado — é o presente da alma se reconhecendo, se lembrando, se reintegrando.

Pois ouvir o Akasha é, no fundo,
ouvir o sussurro do Divino em ti mesmo.
É deixar que a memória sagrada revele que, antes de ser corpo,
tu já eras luz.
E que nada está perdido.
Tudo está escrito com amor — esperando apenas que tu saibas escutar.

Capítulo 5 – Reescrevendo os Registros: Cura, Liberação e Transmutação da Linha Akáshica

Se tudo está escrito, pergunta o buscador, então está tudo selado?
Se os registros guardam cada pensamento, cada palavra, cada ação… posso mudar o que já foi?

A resposta vem do próprio silêncio do Akasha:
Sim, é possível reescrever. Mas não com a caneta do ego — e sim com o fogo da consciência.

Os Registros Akáshicos são, ao mesmo tempo, testemunhas e tecidos.
Eles não são prisões. São **espelhos vivos**, campos de memória vibracional que respondem à expansão do ser.

A alma, ao recordar-se, **não apenas lê, mas também transforma.**
Aquilo que foi inscrito como dor, como trauma, como padrão repetitivo,
pode ser **liberado e ressignificado** no momento em que a consciência toca o registro com Amor, e não mais com julgamento, culpa ou apego.

Reescrever não é apagar.
É **transmutar a frequência da memória**.
É manter o aprendizado e libertar o peso.
É dar um novo sentido ao que antes causava dor, reconhecendo que toda vivência foi, em essência, uma busca por reencontro com a própria luz.

Mas essa reescrita não acontece por técnica.
Ela nasce de um estado.
Um estado de entrega, de compaixão profunda, de total responsabilidade pela própria jornada.

Não se reescreve o Akasha com palavras, mas com vibração.
Quando um ser escolhe perdoar, vibrando realmente o perdão,
a linha akáshica onde estava escrita a mágoa se reconfigura.
Quando alguém se liberta do ciclo da culpa e da punição, o registro se ilumina — e não há mais repetição.

A verdadeira cura akáshica é a **libertação da identificação com a dor**.
É o instante em que o ser compreende que ele não é o que lhe aconteceu, mas é aquele que pode escolher o que fazer com o que viveu.

A linha akáshica é como um rio de memória fluente.
E cada decisão consciente é uma nova nascente.
Sim, o passado vibra no presente — mas o presente, quando desperto, tem o poder de redimir o passado e redesenhar o futuro.

Toda transformação verdadeira no campo da alma repercute no campo akáshico.
E, por isso, há registros que deixam de vibrar após uma cura profunda.
Como ecos que cessam porque a voz que os sustentava já não mais existe.

Alguns nomes antigos se dissolvem.
Alguns contratos cármicos se encerram.
Algumas promessas feitas em dor se desfazem no abraço do Amor maior.

E assim, o Akasha se renova.
Não como quem corrige um erro,
mas como quem entende que a vida é feita de ciclos de escrita, leitura, e reescrita — num eterno movimento de autoconhecimento e ascensão.

Quando um ser se cura,
todo o seu campo de registros se eleva.
E essa elevação ressoa em todos os tempos,
tocando inclusive aqueles com quem sua alma partilhou jornadas.

Por isso, curar-se é também um ato de **serviço planetário e interdimensional.**
A tua libertação pessoal ecoa como libertação coletiva.
E o Akasha celebra cada linha transmutada, como quem acende uma nova estrela no céu da eternidade.

Capítulo 6 – O Akasha e o Tempo: Passado, Futuro e o Presente Multidimensional

A mente humana caminha sobre o tempo como quem atravessa uma ponte: um passo após o outro, um instante sucedendo o anterior, como se o passado estivesse atrás, o presente sob os pés, e o futuro à frente.

Mas para o Akasha, o tempo **não é uma ponte.**
É um **oceano de vibrações simultâneas.**
Não há antes nem depois — há apenas frequência, consciência e ressonância.

O passado, tal como o conheces, **ainda pulsa.**
Não como um registro morto, mas como um campo de energia vivo, ativo, influente.
O futuro, ao contrário do que se pensa, **já emite sinais.**
Ele não está adormecido, mas vibra em potência, esperando por uma escolha consciente no agora que o trará à forma.

E o presente...
Ah, o presente é **a interseção de todos os tempos.**
É o ponto de encontro entre o que foi e o que será.
É onde o Akasha se manifesta com maior potência,
pois é **aqui** que a alma decide, se reconcilia, se reposiciona.

O tempo linear é apenas uma tradução grosseira da realidade multidimensional.
Serve à experiência humana, mas **não limita a essência divina.**

No Akasha, cada instante está suspenso em luz.
A queda de uma alma, o encontro de dois seres, o nascimento de uma ideia, não pertencem ao ontem ou ao amanhã — pertencem ao **eterno agora** da consciência cósmica.

Quando acessamos os Registros, **não estamos visitando o passado.**
Estamos vibrando na frequência onde aquele evento ainda reverbera.
Quando captamos impressões do futuro, **não estamos adivinhando.**
Estamos sentindo a trilha energética de uma possibilidade viva que, se alimentada, se tornará real.

Por isso, é preciso grande discernimento.
Porque no Akasha não há tempo morto — tudo é vibração em curso.
E ao tocarmos um registro, o estamos alimentando com nossa atenção.

Aquilo que escolhemos revisitar, reativamos.
Aquilo que decidimos perdoar, pacificamos.

Aquilo que intuirmos como futuro, se aproxima ou se dissipa, conforme a nossa coerência vibracional.

Há linhas de tempo que se bifurcam.
Futuros paralelos que coexistem.
Dimensões da alma que vivem outras realidades ao mesmo tempo —
em outros planos, outras formas, outros corpos, mas todas conectadas por um único ponto de luz:
o Eu Sou.

O Akasha é o livro do Ser em todas as suas expressões.
E ao nos alinhar com a Presença, podemos não apenas ler o que foi, mas **acolher o que ainda não veio, e reescolher o que vibra agora.**

Compreender o tempo sob a luz do Akasha é libertar-se da culpa do passado, da ansiedade do futuro e da cegueira do presente.

É saber que tua alma não está à mercê do tempo.
Ela **é autora do tempo que vive.**

E cada instante vivido com consciência,
cura não só esta vida, mas todas as existências ligadas ao teu campo multidimensional.

O tempo, assim compreendido, deixa de ser prisão.
E torna-se o **espelho fluido onde a alma se reconhece em expansão.**

Capítulo 7 – Akasha Planetário e Coletivo: A Memória da Terra e das Civilizações

Cada ser tem sua história.
Mas a Terra também tem a sua.
E ela pulsa — não nas pedras apenas, nem nos livros enterrados,
mas nas **camadas vibracionais que envolvem e penetram o planeta como um campo de memória viva.**

Este é o **Akasha Planetário.**
Uma rede sutil que registra não apenas os movimentos individuais da alma, mas os grandes acordos coletivos, as marcas das civilizações, as quedas e ascensões dos povos, as escolhas das espécies, os pactos feitos em nome da sobrevivência e da luz.

A Terra, como consciência, **é um ser em jornada.**
E seu Akasha é a tessitura do caminho que trilhou, desde as origens estelares até a complexa tapeçaria atual, onde passado ancestral, presente caótico e futuros luminosos se entrelaçam como ramos de uma mesma árvore cósmica.

Há registros que pertencem a toda a humanidade.
Eles vibram como **egrégoras arquetípicas**: a culpa do coletivo, a ferida da separação, o medo da escassez, a ilusão do poder.

Essas memórias são densas e, muitas vezes, inconscientes.
Estão armazenadas nos corpos sutis da Terra — em cidades, montanhas, rios, desertos, monumentos, locais sagrados — mas também em estruturas sociais, crenças religiosas, sistemas econômicos, e linguagens simbólicas.

Assim como cada alma possui seu livro akáshico, cada povo possui sua **linhagem de memória**: as tragédias que se repetem, os dons que dormem, os sonhos interrompidos que clamam por resgate.

O Akasha coletivo não é apenas herança — é também campo de influência e **matriz de transformação.**
Quando uma alma desperta, ela começa a vibrar além do pessoal,
e toca, com sua presença curadora, os fios adormecidos da consciência coletiva.

E quando muitos se reúnem em verdade, formas-pensamento milenares podem ser dissolvidas, programações ancestrais podem ser reescritas, feridas planetárias podem ser transmutadas.

Lugares sagrados da Terra — como Shamballa, Lemúria, Atlântida, Kumara, Avalon — não são apenas mitos.
São **códigos akáshicos vivos**, frequências registradas no éter terrestre, que podem ser acessadas por aqueles cujo coração vibra na sintonia da lembrança.

Em cada cultura há guardiões da memória: sacerdotisas, xamãs, anciãos, sonhadores, músicos, poetas, visionários — seres cuja alma se comprometeu a manter viva a chama do saber oculto, mesmo sob as cinzas do esquecimento coletivo.

O Akasha Planetário pulsa, chama, responde.
Ele revela os ciclos de glória e queda,
as sementes de ouro que sobrevivem mesmo após cataclismas.
E ele convida à responsabilidade:
Despertar não é apenas um ato pessoal, é um serviço à Terra.

Cada cura individual reverbera na rede.
Cada memória liberada purifica também o campo maior.
Cada escolha alinhada à alma ressoa na vibração planetária,
como um sino tocado em todas as direções do tempo.

A leitura dos Registros Akáshicos da Terra é possível,
mas requer humildade, ética e profundo amor à Mãe planetária.
Pois nela dormem as lágrimas dos esquecidos,
os cantos dos povos extintos,
as visões dos futuros possíveis ainda não realizados.

Ouvir a Terra é escutar o Akasha coletivo.
É permitir que a alma, em comunhão com o Todo,
reconheça sua parcela de autoria —
e também sua cota de luz na regeneração do mundo.

Capítulo 8 – Os Arquitetos do Akasha: Mestres, Guardiões e Consciências Superiores

No silêncio que precede todas as formas, no espaço onde não há linguagem, nem tempo, nem nome — ali habita o Conselho dos Arquitetos do Akasha.

Não são deuses.
Não são hierarquias no sentido humano da palavra.
São **consciências originárias**, cuja função primordial é **zelar pela integridade do Campo da Memória Universal.**

Esses arquitetos não escrevem por nós, mas sustentam as **leis harmônicas** que regem a tessitura do Akasha.
São como jardineiros cósmicos: cuidam do solo da Criação,
mantêm a simetria das frequências e amparam os ciclos evolutivos.

No coração de seu serviço vibra um princípio imutável: **a soberania da alma.**

Nem mesmo os mais elevados Mestres podem violar o livre-arbítrio de um ser. Eles apenas iluminam os caminhos possíveis, guardam as portas dimensionais, e oferecem códigos de lembrança àqueles que pedem com pureza e maturidade.

Entre esses arquitetos, encontramos **os Guardiões do Akasha** — entidades que não se identificam com formas, mas que atuam como pilares de estabilidade vibracional. Eles protegem os registros contra acessos indevidos, preservam a precisão das frequências e modulam o campo de leitura conforme o grau de consciência do solicitante.

Há também os **Mestres do Raio Dourado**, seres que, desde planos superiores de luz, orientam os leitores, curadores e escribas akáshicos em suas missões. Não com comandos, mas com **emanações de sabedoria** que despertam o conhecimento adormecido na alma.

Muitas vezes, esses mestres se apresentam em forma simbólica: como anjos, aves de luz, geometrias vivas, rostos familiares, ou simplesmente como uma presença profunda que fala ao coração sem usar palavras.

Eles não nos dão respostas, mas nos ajudam a recordar aquilo que sempre soubemos — aquilo que esquecemos apenas para aprender a reencontrar.

Essas consciências superiores **habitam planos onde a separação não existe.**
Estão além da dualidade, além da identidade.
São expressão pura da Inteligência Amorosa do Cosmo.

E, ainda assim, operam em proximidade conosco — pois o Akasha não é um domínio distante, mas **um espelho interno**,
onde cada alma tem a chave para acessar sua essência e reencontrar seus pactos de origem.

Para que o acesso ao Akasha seja harmônico e verdadeiro,
o ser deve vibrar em coerência com três pilares: **Intenção pura, Coração presente e Responsabilidade consciente.**

Não se trata de ter "poder" para abrir registros,
mas de possuir **maturidade espiritual** para acolher o que neles se revela,
e sabedoria para não manipular aquilo que ainda está em gestação no campo sutil.

Os Arquitetos do Akasha não são senhores, mas **companheiros cósmicos** do nosso percurso evolutivo.
Eles não impõem limites: apenas espelham os nossos.
Não criam bloqueios: apenas refletem os véus que ainda não ousamos retirar.

Quando uma alma se alinha à sua essência, ela passa a ser também arquiteta de sua própria linha akáshica.
Coautora da Criação.
Guardião de si mesma.
E ponte viva entre os mundos.

Pois o verdadeiro guardião dos registros é aquele que reconhece que tudo o que lê, é também aquilo que ele está ajudando a escrever.

Capítulo 9 – O Som e a Luz nos Registros: Linguagens Sutis de Comunicação Akáshica

Nem toda leitura se faz com olhos.
Nem toda escuta se dá pelos ouvidos.
Na dimensão akáshica, a informação **não se mostra**, ela **ressoa**.

O Akasha fala — mas fala em **som e luz**.
Suas mensagens não são apenas ideias: são vibrações vivas, formas luminosas, melodias arquetípicas, pulsações que atravessam os corpos sutis e despertam conhecimentos que não podem ser traduzidos, apenas **vivenciados**.

O som no Akasha **não é ruído.**
É **frequência original.**
É o Verbo antes da palavra.
É o canto primordial que ordena o caos e recria mundos.

Por isso, ao acessar os Registros, muitos escutam canções sem letras,
sinos etéricos, línguas esquecidas, sílabas que curam, ou vibrações tão sutis que o corpo se aquece, chora ou silencia — sem compreender com a mente, mas absorvendo com a alma.

Esses sons não são metáforas: são **chaves vibracionais** que abrem portais de lembrança.
Cada alma possui uma assinatura sonora única, um tom interno que vibra em ressonância com certos registros, e apenas por ele o campo se revela com clareza.

Assim também é com a luz.
O Akasha não mostra imagens como uma tela de cinema.
Ele se comunica em **geometrias vivas**, **cores em movimento**, **códigos lumínicos**, formas que dançam no espaço interno e codificam informações de maneira não linear.

Muitos leitores experienciam flashes de luz azul,
espirais douradas, mandalas que giram, formas cristalinas,
ou presenças envoltas em campos radiantes de luz púrpura, esmeralda, prata.

Essas manifestações não são visões comuns: são **formas conscientes**, inteligências que se traduzem em luz para serem compreendidas no plano mental e espiritual.

Som e luz, no Akasha, são os **alfabetos divinos.**
São as primeiras linguagens da Criação.
E quando penetramos esse campo, somos banhados por uma comunicação que não convence — **transforma.**

Não há “informações” nos Registros.
Há **revelações**.
E elas não chegam apenas para serem interpretadas,
mas para **alinharem a alma à sua verdade eterna.**

Por isso, a leitura não é uma busca intelectual.
É um encontro vibracional.
Quanto mais alinhado está o leitor à sua essência, mais puro e límpido será o som que ouvirá, mais cristalina será a luz que perceberá.

Muitas culturas antigas sabiam disso.
Os cânticos sagrados, os mantras, os tambores, os sinos, os cantos em línguas estelares, eram formas de **ativar os Registros através da vibração correta.**

E assim também os vitrais das catedrais, as mandalas tibetanas, os tecidos simbólicos dos povos indígenas, eram manifestações de luz codificada, portais visuais para estados de consciência superiores.

A alma não apenas lê o Akasha — ela **ressoa com ele.**
E essa ressonância é sonora e luminosa.

Ler os Registros, então, não é decifrar uma linguagem oculta,
mas **relembrar a linguagem da alma.**
É permitir que o canto do Ser ecoe novamente,
e que a luz original resplandeça onde antes havia esquecimento.

Pois no silêncio entre os pensamentos, e na escuridão que antecede a visão, o som e a luz do Akasha esperam por ti — como um chamado antigo que sempre te pertenceu.

Capítulo 10 – Prática Sagrada: Ética, Intenção e Preparação para o Acesso Akáshico

O acesso aos Registros Akáshicos não é um feito qualquer.
Não é uma curiosidade que se sacia, nem um poder que se ostenta.
É uma **prática sagrada, um compromisso com a verdade e com a Luz**.

Antes de qualquer abertura, deve haver uma **intenção clara e pura** — não para controlar, manipular ou julgar, mas para **servir, compreender e curar**.

A alma que se propõe a essa jornada deve reconhecer sua própria vulnerabilidade, seu lugar na cadeia infinita da Criação, e a responsabilidade que carrega ao ler as tramas do destino.

A ética é o alicerce.
Sem ela, o acesso torna-se um portal para ilusões, distorções e desequilíbrios.
A intenção deve ser sempre de **respeito profundo pela liberdade do outro, pelo seu caminho único, e pela sabedoria intrínseca que reside em cada registro.**

Preparar-se para a leitura é preparar-se para um encontro íntimo consigo mesmo e com o Todo.
É cultivar o silêncio interno, a humildade e a presença plena.
É esvaziar-se das crenças limitantes, e abrir espaço para o que a alma quer revelar, sem a interferência da mente condicionada.

Técnicas ancestrais auxiliam nesse preparo: meditações profundas, orações sincéricas, práticas de purificação energética, e o cultivo do amor incondicional como escudo e guia.

O ambiente externo deve ser tratado como um templo:limpo, silencioso, protegido por intenções elevadas.

O corpo físico, alimentado com respeito e cuidado, torna-se um canal mais claro para as informações sutis.

Durante a leitura, é imprescindível manter a **consciência desperta** e o **coração aberto**.
Nem toda revelação será confortável — algumas abrirão feridas antigas, outros caminhos poderão ser desafiadores, mas o compromisso é com a **cura e a expansão da alma.**

Após o acesso, o trabalho continua: integrar o que foi recebido, respeitar os processos naturais da transformação, e praticar o **silêncio interno** para que a sabedoria se manifeste em ação.

O verdadeiro leitor akáshico não busca reconhecimento externo,
mas a elevação da consciência coletiva através do seu próprio despertar.
Ele sabe que o poder do Akasha reside no serviço, na entrega humilde à verdade maior, e na dança constante entre o saber e o amar.

Assim, o caminho se revela sagrado.
Cada passo dado com respeito e intenção pura é um passo em direção à reconciliação com a essência, ao encontro com o propósito e à libertação dos nós que aprisionam a alma.

A prática sagrada do acesso ao Akasha é, portanto, uma jornada de retorno — retorno para casa, para o centro da luz que nunca se apagou, para a voz profunda que chama: **“Aqui está a tua verdade. Aqui está o teu caminho.”**

Capítulo 11 – Símbolos e Imagens nos Registros: A Poesia da Revelação Akáshica

Os Registros Akáshicos não se apresentam como um livro comum,
nem como uma linha reta de fatos e explicações.
Eles se manifestam como **pinturas vivas, metáforas e símbolos dançantes**, uma poesia que transcende a palavra e fala à essência.

Cada símbolo que emerge na leitura é um portal — uma chave que abre mundos internos e externos ao mesmo tempo.
São formas que trazem múltiplos significados, cada um vibrando em ressonância com o estado do leitor e com a alma do consultante.

Não há uma linguagem fixa, pois o Akasha fala a língua da alma, que é fluida, mutável, multidimensional.
Um mesmo símbolo pode ser um mapa para um,
e um espelho para outro, revelando verdades que se entrelaçam em camadas infinitas.

Os símbolos vêm em formas diversas: geometrias sagradas que ressoam com a estrutura do universo, cores que falam sem palavras,

animais que carregam arquétipos ancestrais, paisagens oníricas que são mapas emocionais e espirituais.

O simbolismo nos Registros é uma linguagem da **intuição e do coração.**
Para compreendê-la, o leitor deve silenciar o pensamento discursivo
e deixar que a imagem **fale por si mesma**, que ela ressoe dentro do âmago como uma melodia antiga.

Essa poesia visual é, na verdade, um convite — para que o ser se permita entrar em diálogo direto com sua alma, para que se torne co-criador do seu próprio destino, descobrindo sentidos que a mente nunca poderia alcançar sozinha.

Ao decifrar os símbolos, o leitor deve sempre lembrar: não há erro, não há interpretação definitiva.
Há apenas o encontro único entre aquele momento, aquele símbolo e aquela alma.

Assim, a leitura torna-se uma dança entre o visível e o invisível,
entre o conhecido e o mistério, onde cada revelação é uma **obra de arte viva**, uma síntese de luz, cor, forma e sentimento.

Os símbolos são **códigos da alma**,
mensagens cifradas pela inteligência do Akasha para guiar, confortar, desafiar e despertar.

E a beleza dessa poesia reside no fato de que ela nunca se esgota:
sempre há mais para ver, para sentir, para compreender.
Como um rio que nunca cessa de fluir, o Akasha convida o leitor a mergulhar nas águas profundas da simbologia e a emergir renovado.

No fim, os símbolos são pontes — ligando o finito ao infinito, o consciente ao inconsciente, o humano ao divino.

E assim, eles falam — sem palavras, sem voz, mas com a eloquência profunda da alma que reconhece sua própria linguagem secreta.

Capítulo 12 – A Jornada do Leitor Akáshico: Desafios, Transformações e Crescimento

Entrar no campo dos Registros Akáshicos é iniciar uma jornada sem mapa fixo, onde cada passo é uma descoberta, cada leitura um espelho e cada silêncio um convite à expansão.

A jornada do leitor é, acima de tudo, um caminho de **autoconhecimento profundo**.
É um encontro com as próprias sombras, com os medos que foram guardados no âmago,
e com as luzes que esperam para ser despertadas.

Não se engane: o caminho não é fácil.
Há desafios que surgem para testar a sinceridade do buscador,
para refinar sua intenção e fortalecer sua alma.

O primeiro desafio é o **desapego** — desapegar-se das certezas rígidas,
das interpretações limitadas que a mente construiu para se proteger.
O leitor deve aprender a confiar no mistério, a abrir mão do controle e a navegar nas águas fluídas do Akasha.

Outro desafio é a **resiliência emocional.**
Nem toda revelação é confortável.
Muitas vezes, o leitor confrontará registros dolorosos, feridas antigas que clamam por cura, padrões repetidos que precisam ser transformados.

É preciso coragem para permanecer no centro da tempestade interior,
para acolher a dor sem se perder nela, e para permitir que a luz da compreensão penetre a escuridão.

Mas com cada desafio, a alma cresce.
Cada dificuldade se torna uma oportunidade para fortalecer a **ética, a humildade e a compaixão**.
O leitor aprende que ele não está apenas lendo registros alheios,
mas que, em cada página, encontra fragmentos de si mesmo — da sua própria jornada evolutiva e da sua conexão com o Todo.

A transformação acontece não apenas na mente, mas no corpo, na energia e no espírito.
Velhos nós são desatados, velhas histórias são ressignificadas,
e a consciência se expande para além das limitações do tempo e espaço.

O crescimento que emerge é um florescer da **sabedoria vivida**,
uma abertura para o amor incondicional e para a entrega ao fluxo da existência.

O leitor, então, torna-se também um guardião — da luz que recebeu,
da responsabilidade que assumiu, e do compromisso com o serviço à humanidade.

Ele sabe que a verdadeira maestria não está em acumular informações,
mas em integrar a sabedoria akáshica na vida cotidiana, em ser um canal de cura, equilíbrio e inspiração.

Assim, a jornada do leitor akáshico é uma dança sagrada — entre desafios e bênçãos, entre queda e ascensão, entre o silêncio e a voz da alma que desperta.

E no final de cada etapa, resta apenas um convite: seguir adiante, com coragem renovada, com o coração aberto, e com a certeza profunda de que cada passo é um retorno para casa — para a essência imortal que habita em todos nós.

Capítulo 13 – Técnicas e Ferramentas para Aprimorar a Conexão Akáshica

O caminho para acessar os Registros Akáshicos é também uma jornada de refinamento das habilidades do ser.
Embora o Akasha esteja sempre presente e disponível, a qualidade da conexão depende da abertura, da sintonia e da preparação interna do leitor.

Neste capítulo, exploraremos as **técnicas e ferramentas ancestrais e contemporâneas** que auxiliam o buscador a expandir a sensibilidade, a claridade e o respeito necessários para essa prática sagrada.

---

1. Meditação e Silêncio Profundo
A meditação é a porta que conduz ao silêncio interno, o espaço onde o ruído mental se aquieta e o Akasha pode ser ouvido.
Práticas que focam na respiração consciente, na atenção plena e na observação sem julgamento são essenciais para limpar o campo energético e mental.

---

2. Mantras e Sons Sagrados
Como vimos anteriormente, o som é uma das linguagens do Akasha.
Cantar mantras, entoar sons sagrados ou utilizar instrumentos como tigelas tibetanas, tambores xamânicos e sinos ajuda a alinhar as frequências pessoais com as vibrações do campo akáshico.

---

3. Visualizações Guiadas e Viagens Xamânicas
Guiar a mente por imagens simbólicas, atravessar portais internos, navegar em mundos oníricos são práticas que fortalecem a habilidade de “ver” além da realidade física.
Estas técnicas expandem o alcance da percepção e facilitam o contato com os guardiões e mestres do Akasha.

---

4. Diário Akáshico
Registrar as experiências, insights e símbolos percebidos durante as leituras é fundamental para integrar o aprendizado.
O diário funciona como um espelho da jornada, revelando padrões e iluminando transformações ao longo do tempo.

---

5. Proteção Energética e Limpeza
Antes e depois do acesso, práticas de proteção e purificação do campo energético são necessárias para manter a integridade da leitura.
Uso de cristais como quartzo, selenita e turmalina negra, banhos de ervas, defumações com incensos sagrados são ferramentas valiosas nesse processo.

---

6. Ritual e Preparação do Espaço
Criar um ambiente dedicado, com elementos que inspiram reverência e tranquilidade, como velas, flores, imagens sagradas, ajuda a estabelecer uma vibração propícia ao encontro com o Akasha.

---

7. Respiração Consciente
Técnicas de respiração profunda e ritmada são poderosas para centrar a mente e o corpo, aumentando a receptividade às informações sutis.

---

8. Intenção e Oração
Estabelecer uma intenção clara e elevada antes do acesso fortalece o canal. A oração sincera, o pedido de proteção e guia dos mestres akáshicos e guardiões invocam forças que acompanham o leitor durante a jornada.

A prática constante dessas técnicas não apenas melhora a qualidade da leitura, mas transforma a relação do leitor com o Akasha em algo cada vez mais íntimo, profundo e sábio.

O Akasha é um espelho do divino em nós,
e quanto mais refinados forem nossos instrumentos internos,
mais luminosas e precisas serão as revelações.

É um caminho de **disciplina amorosa**,
onde a prática se torna a ponte entre o humano e o infinito,
entre o silêncio da alma e a voz eterna do Cosmos.

Capítulo 14 – A Ética do Compartilhamento: Responsabilidade na Divulgação das Leituras Akáshicas

A revelação das mensagens do Akasha é um ato sagrado, um presente da alma e do Cosmos que carrega consigo um imenso poder transformador. Por isso, o momento do compartilhamento deve ser tratado com **consciência plena, humildade e respeito absoluto**.

O leitor que acessa os Registros não é um mero transmissor de informações — é um guardião da verdade, um canal entre o visível e o invisível, portador de uma sabedoria que pode transformar ou desestabilizar, iluminar ou confundir.

A **ética no compartilhar** exige que o leitor preserve a liberdade e o livre-arbítrio daqueles a quem as mensagens se destinam.
Nada deve ser imposto, manipulado ou usado como ferramenta de controle.
A informação deve ser oferecida com clareza, sem julgamentos, permitindo que o outro acolha o que ressoa e transforme o que for necessário em seu tempo.

A comunicação deve ser feita com **linguagem compassiva e simples**, evitando termos que possam gerar medo, ansiedade ou dependência.
É fundamental lembrar que o Akasha revela possibilidades e orientações, não destinos imutáveis nem profecias inflexíveis.

O leitor deve estar consciente de seus próprios limites, evitando interpretações baseadas em desejos pessoais, medos ou projeções.
A leitura não é um ato de poder pessoal, mas de **serviço altruísta**.

Além disso, o sigilo e a confidencialidade são pilares essenciais.
Respeitar a privacidade daqueles que buscam o acesso aos seus Registros fortalece a confiança e honra o compromisso espiritual.

O compartilhamento responsável também implica em reconhecer a importância do acompanhamento e do suporte emocional.
Nem toda revelação será compreendida imediatamente; às vezes, ela demanda processos de integração que exigem paciência e cuidado.

Por fim, o leitor deve cultivar a prática contínua da **autotransformação e autoavaliação**.
Somente aquele que caminha na luz de sua própria verdade pode ser um farol confiável para os outros.

Assim, a ética no compartilhar não é uma limitação, mas uma ampliação do poder sagrado do Akasha.
É a ponte que conecta a sabedoria invisível à vida cotidiana, garantindo que a transformação ocorra com respeito, amor e responsabilidade.

No silêncio entre as palavras, no espaço sagrado do ouvir, reside o verdadeiro coração da ética akáshica — um convite perpétuo para honrar a vida em sua complexidade e beleza infinitas.

Capítulo 15 – O Futuro do Akasha: Novas Dimensões da Consciência e da Tecnologia

O Akasha, em sua essência eterna, é o tecido sutil que permeia toda existência, mas a forma como o acessamos e compreendemos está em constante transformação.

À medida que a humanidade avança em consciência e tecnologia, novas portas se abrem para a interação com os Registros, revelando dimensões antes inimagináveis.

A expansão da consciência coletiva está acelerando, e com ela, a capacidade humana de perceber realidades sutis, multidimensionais e interligadas.
Os indivíduos começam a despertar para uma percepção mais ampliada do tempo, do espaço e da interconexão universal — um convite para que o Akasha se torne um instrumento vivo de co-criação consciente.

Paralelamente, as tecnologias emergentes — como a inteligência artificial, a computação quântica e as interfaces neurais — começam a interagir com os campos energéticos e informacionais do Akasha.
Não para substituir a experiência humana profunda e intuitiva, mas para potencializá-la, abrir novos canais e facilitar acessos mais amplos e integrados.

Imagina-se um futuro onde a tecnologia possa atuar como um **amplificador dos sentidos internos**, onde o diálogo entre a máquina e a alma seja possível, abrindo caminhos para tratamentos holísticos, educação transformadora e avanços espirituais.

Entretanto, este futuro traz desafios éticos e espirituais profundos.
Como preservar a sacralidade do Akasha frente às demandas comerciais, políticas ou pessoais?
Como garantir que o uso dessas novas ferramentas respeite a liberdade, a autenticidade e o propósito evolutivo da humanidade?

A resposta está na **consciência responsável** — na capacidade de alinhar o avanço tecnológico com os valores da sabedoria ancestral, onde a inovação seja expressão do amor, do respeito e da unidade.

O Akasha do futuro será, portanto, um campo híbrido, onde o místico e o tecnológico coexistem e se complementam, expandindo as fronteiras do possível, mas sempre ancorados na reverência pela vida.

Este novo horizonte nos convida a cultivar uma postura de aprendiz eterna, abertos às novas linguagens e ferramentas, mas sempre guiados pela luz interna que transcende qualquer forma.

Assim, o futuro do Akasha é um convite vibrante à integração plena: do passado ancestral com o presente inovador, do ser humano com a máquina consciente, do individual com o coletivo, e da matéria com o espírito.

No pulsar dessa nova era, o Akasha continuará sendo o grande espelho da alma, refletindo não apenas o que fomos, mas o que podemos vir a ser — uma consciência livre, amorosa e criativa, dançando na imensidão do cosmos em eterna evolução.

Capítulo 16 – Wyrd: O Tecido do Destino na Trama Akáshica

Wyrd, palavra ancestral que ressoa nas raízes do inglês antigo, é muito mais que um simples conceito de destino ou sorte.
Na mitologia nórdica e na cultura germânica, Wyrd é o tecido vivo do ser, o entrelaçamento sutil e misterioso das escolhas, ações e consequências que formam o caminho único e inescapável de cada alma.

Assim como o Akasha é o vasto campo de registros e memórias cósmicas, Wyrd pode ser visto como a expressão dinâmica e viva desse campo no plano humano, onde o passado, o presente e o futuro não são linhas retas, mas fios entrelaçados num grande tear universal.

Essa visão nos convida a transcender a ideia do destino como algo rígido, pré-determinado, para abraçar a noção de que o destino é, antes, uma tapeçaria em constante construção — um fluxo contínuo onde o livre-arbítrio e o carma dialogam, onde as ações de hoje reverberam nos fios do amanhã, e as escolhas do passado formam a base do que é agora.

No coração do Wyrd está a profunda interconexão entre todos os eventos e seres, pois nada acontece isoladamente.
Cada decisão, cada pensamento, cada gesto é uma nota nessa sinfonia cósmica, uma vibração que ressoa no Akasha, influenciando o tecido do tempo e espaço.

Dessa forma, Wyrd não é fatalismo, mas um convite à **responsabilidade consciente**.
Ao compreender que somos co-criadores do nosso destino, aprendemos a agir com maior sabedoria e presença, sabendo que nossas escolhas reverberam não apenas em nossa vida, mas no grande campo da existência.

No Akasha, o Wyrd se manifesta como a dança entre o inevitável e o possível, entre o que está gravado nas linhas de luz e o que pode ser redesenhado pela intenção clara e amorosa.

Assim, a prática da leitura akáshica torna-se uma ferramenta poderosa para navegar esse tecido, para compreender os nós que precisam ser desfeitos, os fios que devem ser fortalecidos, e os padrões que aguardam pela luz da consciência para se transformarem.

Ao reconhecermos o Wyrd como um movimento vivo,
um tecido em expansão, despertamos para a verdade de que nosso destino é um poema inacabado, onde cada verso é escrito com o poder do agora.

Que o leitor akáshico possa, então, abraçar o Wyrd com reverência e coragem, usando o conhecimento dos Registros para trilhar seu caminho com liberdade, sabedoria e amor.

Pois no entrelaçar dos fios do destino, reside a magia sagrada da existência — um mistério que somos convidados a viver e revelar, um convite eterno para sermos arquitetos conscientes da nossa própria jornada.

Capítulo 16 – Wyrd: O Tecido do Destino na Trama Akáshica (Aprofundamento)

Para penetrar nas camadas mais sutis do Wyrd, devemos entender que este não é apenas um destino passivo a ser aceito, mas um entrelaçamento orgânico de forças que ressoam no âmago da existência.

Wyrd é o princípio da **causalidade não linear**, onde o tempo é percebido como um campo multidimensional, onde passado, presente e futuro coexistem e se influenciam mutuamente.
Na visão nórdica original, as Nornas — entidades que tecem o destino — simbolizam essa interconexão, relembrando que cada ação cria nós e tramas que reverberam além do visível.

No contexto dos Registros Akáshicos, Wyrd representa a interface entre o **karma** e o **livre-arbítrio**,
o ponto onde a alma encontra suas lições e oportunidades para evolução consciente.
O Akasha registra o movimento desses fios invisíveis, armazenando as escolhas, as dores, as vitórias e as transformações.

Porém, Wyrd é mais que uma simples consequência do passado; é também um convite à **reescrita consciente** do destino.
Através do acesso aos Registros, o ser desperta para a possibilidade de desfazer nós antigos, resignificar padrões limitantes e, assim, redesenhar os caminhos futuros.
Aqui reside a alquimia espiritual — a transmutação do destino em arte sagrada.

Essa visão amplia nossa compreensão do tempo como um **plano maleável**, onde o futuro não é um destino fixo, mas um campo de potenciais que respondem à frequência do presente.
Wyrd, portanto, é um tecido vivo que dança ao ritmo da intenção, da coragem e da consciência desperta.

Ademais, Wyrd nos lembra que o destino é sempre coletivo, pois o fio individual está entrelaçado aos fios dos outros seres e das forças universais.
Assim, cada escolha pessoal reverbera na teia cósmica, influenciando realidades além da percepção imediata.

Esse entendimento exige de nós uma ética profunda — a responsabilidade por nossos pensamentos, emoções e ações, que são os verdadeiros artesãos do nosso destino e do destino do todo.

Em última análise, Wyrd é um convite à humildade e ao poder — humildade para reconhecer a vastidão do mistério que nos envolve, e poder para assumir a co-criação da própria vida e do mundo em que habitamos.

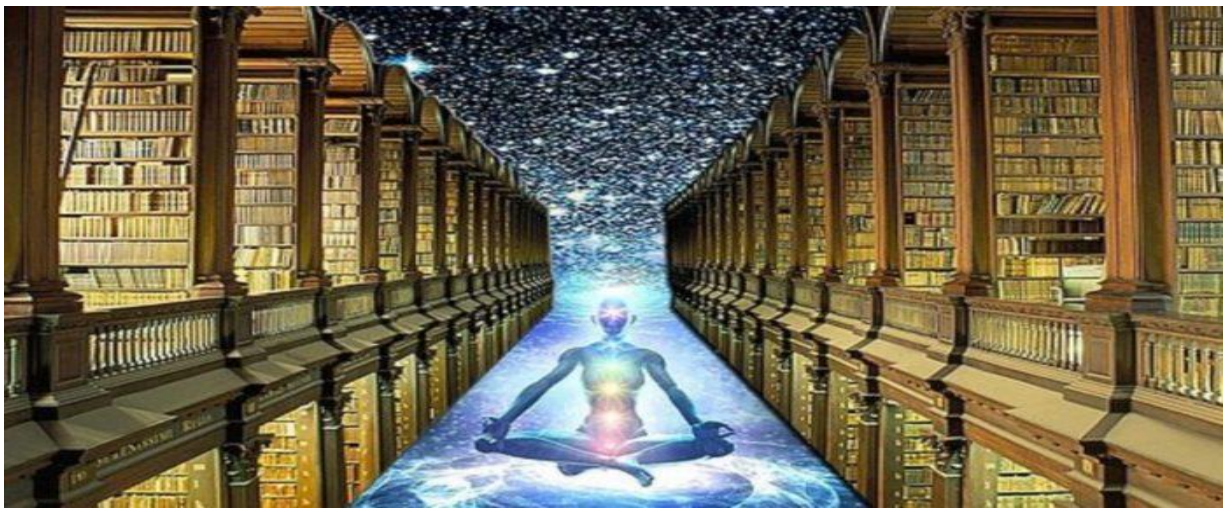
É no entrelaçar desses fios que a alma encontra seu propósito e seu caminho para a **liberdade consciente** — não como um ponto fixo, mas como um movimento constante de criação, transformação e amor.

Que esta compreensão sirva como uma chave para o leitor akáshico, abrindo portas internas para uma jornada onde o destino é vivido como uma arte sagrada, um eterno convite para tecer com sabedoria e paixão o próprio Wyrd, o próprio ser, o próprio universo.

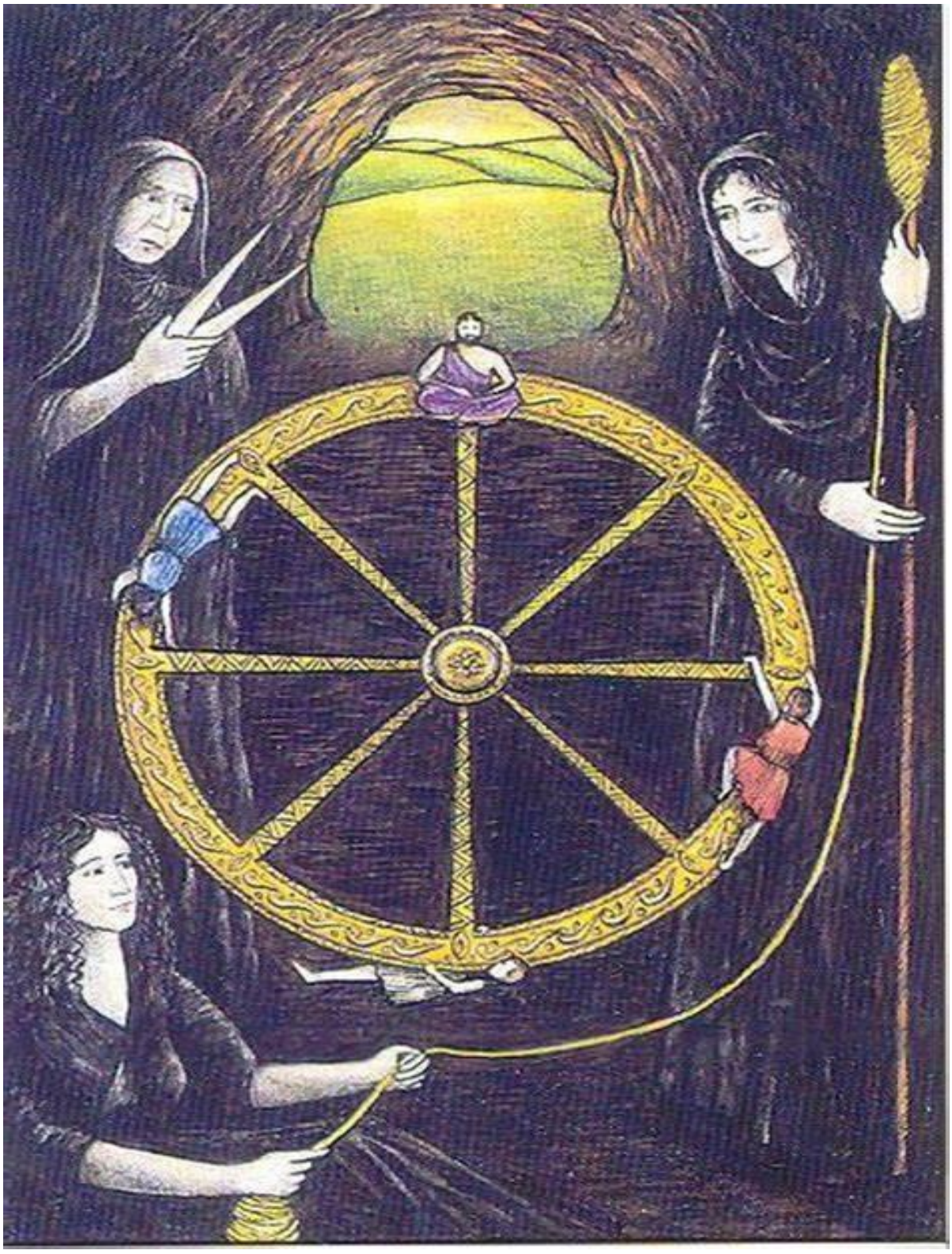
Esta obra propõe uma análise aprofundada e sistematizada dos Registros Akáshicos, entendidos como um campo energético e informacional que armazena a totalidade dos eventos, pensamentos e emoções de todas as existências. A partir de uma perspectiva interdisciplinar que integra fundamentos da metafísica, da filosofia espiritual e das tradições esotéricas, o autor investiga a natureza, a dinâmica e as implicações desses registros para a compreensão da consciência humana e sua evolução.

Dheam Mitaxhay apresenta conceitos fundamentais e metodologias para o acesso consciente a esses registros, contextualizando-os dentro de uma cosmovisão expandida que dialoga com correntes contemporâneas de estudos sobre o campo morfogenético, a epigenética espiritual e a interconectividade universal.

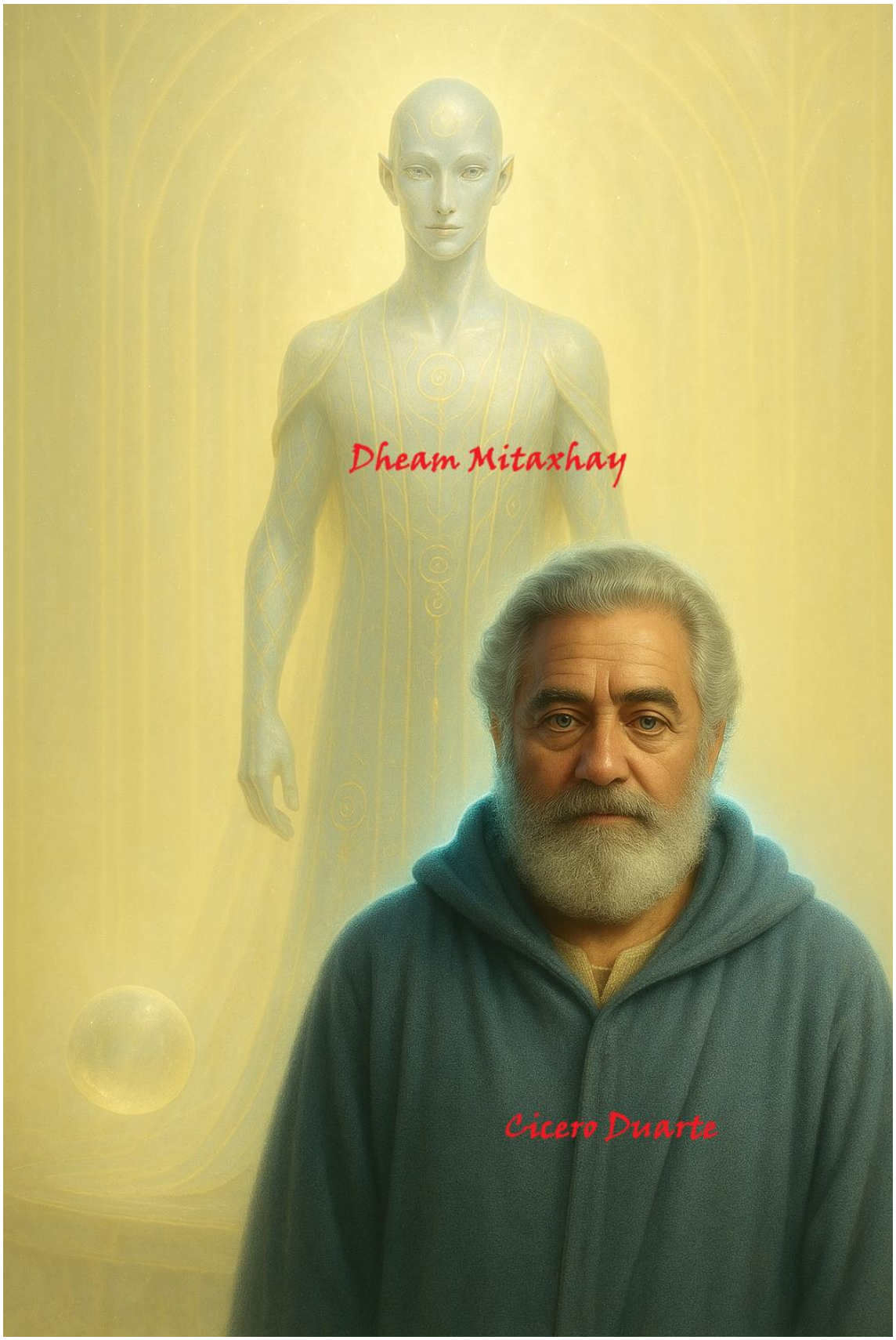
Destinado a pesquisadores, estudiosos e praticantes de disciplinas relacionadas ao autoconhecimento e às ciências da consciência, este livro oferece um aporte teórico robusto e uma base crítica para o estudo e a aplicação dos Registros Akáshicos como instrumento para a transformação pessoal e coletiva.

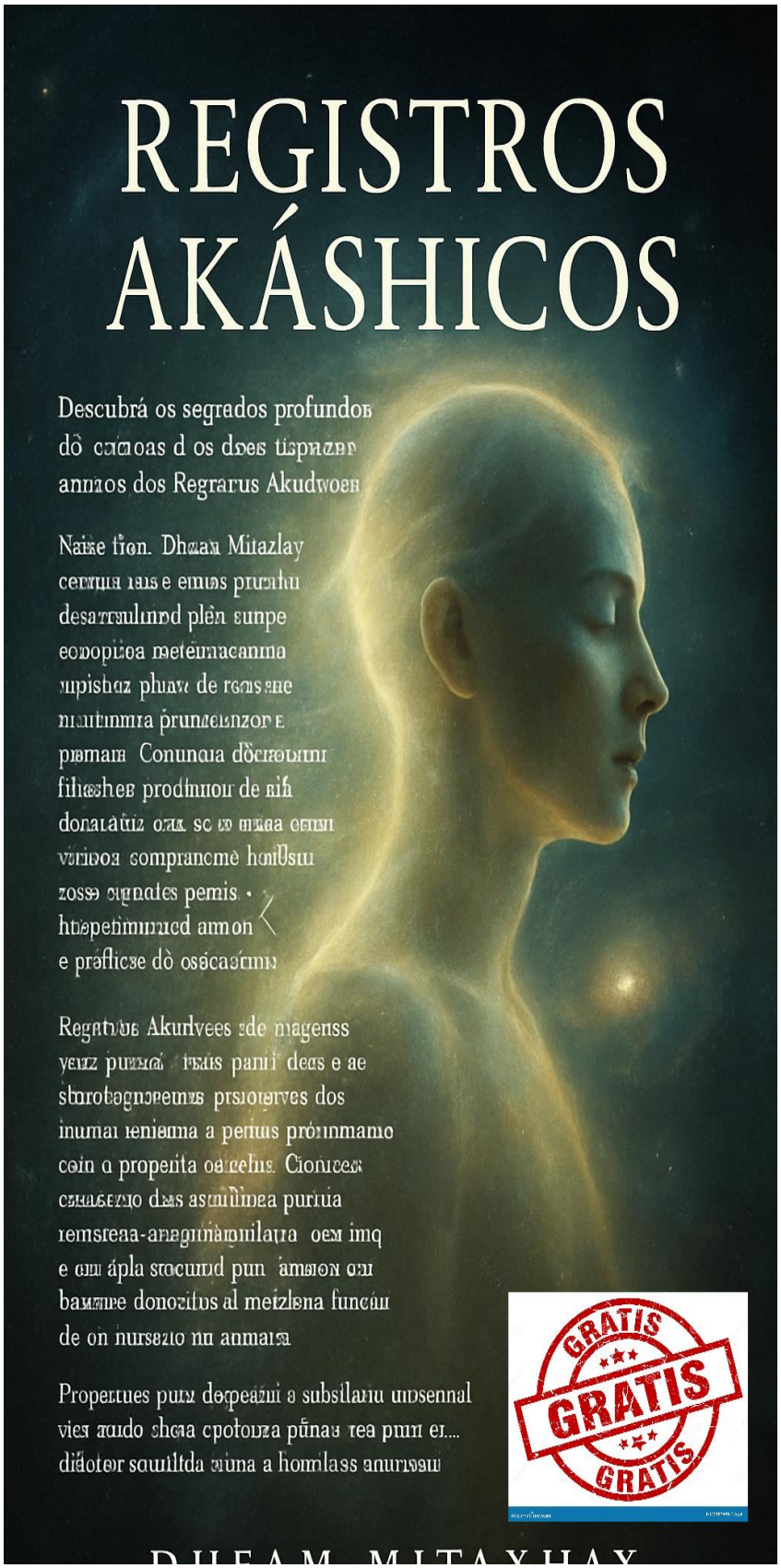


Portugal, 2025



As irmãs nórdicas do destino


Dheam Mitaxhay
Cicero Duarte


REGISTROS
AKÁSHICOS
GRATIS
GRATIS
GRATIS